



CONCEPÇÕES RACIAIS NO CONTO “DÉSIRÉE’S BABY” (1893), DE KATE CHOPIN

Marcella Granatiere¹, Silvio Ruiz Paradiso²

RESUMO: A partir de estudos literários, como o pós-colonialismo, a crítica literária de cunho étnico-racial e historiografia literária, analisou-se o conto *Désirée’s Baby* (1893), da estadunidense Kate Chopin, o racismo e as concepções raciais dos Estados Unidos do século XIX. Quando as teorias de inferioridade racial validaram a escravidão nos Estados escravistas do Sul e criaram o processo de objetificação do negro e seus descendentes, o texto de Chopin faz uma dura crítica a esta mentalidade.

PALAVRAS-CHAVES: Kate Chopin; Literatura norte-americana; Miscigenação; Pós-colonialismo; Racismo.

1 INTRODUÇÃO

No final do século XIX, nos Estados Unidos, os africanos escravizados se tornaram uma instituição, solução um dos problemas mais difíceis dos colonos do Novo Mundo: a mão de obra para as *plantations*³ (FRANKLIN; MOSS, 1994). Através do conto *Désirée’s Baby* (1893), de Kate Chopin, é possível fazer uma análise desta sociedade norte-americana do séc. XIX, em que o poder e as questões raciais andavam de mãos atadas.

No início do século XVI, os fazendeiros estadunidenses usavam mão de obra mista, ou seja, brancos europeus pobres - chamados ‘serviçais’ além dos negros africanos. Os primeiros tinham um contrato de trabalho, geralmente de 10 a 15 anos, enquanto que os africanos trabalham quase sempre sob o sistema escravista. Contudo, mesmo raro, podia-se ver homens negros livres em alguns estados, como em Virginia, por exemplo.

Com o passar do tempo, o serviço branco torna-se mais caro que o escravo negro, e diante disso, houve uma mudança na relação de trabalho escravocrata. Maciçamente, os serviçais brancos começam a ser substituídos por escravos negros (SELFA, 2004) - logo, a mão de obra seiscentista americana passa ser exclusivamente negra, chamada de *black gold*:

Os senhores de terra olham para África como uma fonte, aparentemente, inesgotável de mão de obra. Os países [...] poderiam agradecer seus antepassados que exploraram a costa Africana e trouxeram este ouro negro [...] (FRANKLIN e MOSS, 1994, p. 32).

Selva (2004) aponta que no século XVIII, a ideia da supremacia branca foi usada para justificar esse processo, fomentando assim, a escravidão, discursos eram travados entre os líderes políticos norte-americanos, muitos deles, donos de escravos, a fim de comprovar a inferioridade da “raça”⁴ negra, essa concepção de ‘raça’ e racismo cresceu e tornou-se parte da ideologia dominante durante o período de colonização. Um caso notório são as notas sobre a fauna e flora do Estado de Virginia, escrita por Thomas Jefferson, cujos argumentos usados antecipam o “racismo científico” dos séculos XIX e XX.

Teorias raciais de François Bernier (1625-1688), Buffon (1707-1788), Carlos Lineu (1707-1778), por exemplo, se espalharam pela Europa, e cruzaram o Atlântico, chegando no imaginário estadunidense. Seguindo estas ideologias de inferioridade racial, degeneração racial e racismo científico e teológico, os Estados sulistas dos Estados Unidos, criaram leis e códigos de conduta para controlar totalmente a vida dos negros escravos, restringindo suas áreas de circulação, mantendo a disciplina e garantindo, assim, proteção máxima para população branca. Os negros além de mão de obra, passam a ser propriedade (FRANKLIN e MOSS, 1994), como constava em *Fundamental Constitutions of Carolina*⁵: “cada homem livre da Carolina deve ter total poder e autoridade sobre seus escravos negros, suas opiniões e religião”. (FRANKLIN e MOSS, 1994, p. 60).

¹ Acadêmica do Curso de Letras do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR – Maringá, PR. Membro do grupo de Pesquisa DGP- CNPq – Literatura, pós-colonialismo e Estudos Culturais. E-mail: mgranatiere@hotmail.com

² Orientador. Professor do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR – Maringá, PR. Líder do grupo de Pesquisa DGP- CNPq – Literatura, pós-colonialismo e Estudos Culturais. E-mail: silvinhoparadiso@hotmail.com

³ Tipo de sistema agrícola baseado em uma monocultura de exportação mediante a utilização de latifúndios e mão de obra escrava, muito comum das colônias da América.

⁴ Atualmente, com o avanço antropológico, e biológico as ideias de *racialização* humana não têm mais força acadêmica e científica. Não existem raças “humanas” (raça negra, raça branca, raça judaica etc.), mas apenas a espécie (raça humana). Hoje nos remetemos às questões étnicas (povos), a discussão de raça não faz mais sentido a não ser do ponto de vista dos seus efeitos na construção social. O termo raça tem caráter muito limitado à biologia do ser. Contudo, etnia agrega caracteres linguísticos, somáticos e culturais. (PARADISO, 2009, p.4)

⁵ *Fundamental Constitutions of Carolina* foi um documento constitucional adotado em março de 1669 pelos *Lords Proprietor* (espécie de donatários) da província da Carolina, que hoje seria o território da Virginia e Florida.



Essa organização racista da estrutura social sulista foi baseada nas necessidades da nova dinâmica econômica, consequência da revolução industrial. No caso da agricultura, a expectativa de fazer fortuna com o algodão transformou as plantações, como comenta Franklin e Moss(1994), já que produzir em larga escala era necessidade, e para tal, a mão de obra escrava era primordial. Com isso, para a colheita do branco algodão a demanda por mais negros escravos só aumentava.

A revolução industrial inglesa, a invenção da máquina de separar fios e a persistente instituição do tráfico de escravos no séc. XIX contribuíram para estabelecer a escravidão nos Estados Unidos em bases permanentes como nunca antes visto. (FRANKLIN e MOSS, 1994, p.92).

Por fim, no início do séc. XIX o algodão e a escravidão eram à base da economia sulista, e entre os seus Estados, o de maior número de senhores escravocratas e alta produção de algodão era o Estado da Louisiana, cenário histórico do conto *Désirée's Baby* (1893), de Kate Chopin.

2 KATE CHOPIN E *DÉSIRÉE'S BABY* (1893)

Segundo Toth (1999), Kate O'Flaherty cresceu em uma casa administrada por mulheres. A mãe de Kate – Eliza O'Flaherty – ficou viúva aos vinte e sete anos e nunca mais se casou. Além delas, moravam a avó, duas tias e a bisavó Madame Charville. Esta última ensinou a pequena Kate a tocar piano, a falar francês contando-lhe muitas histórias sobre os conflitos emocionais vividos pelas mulheres francesas na época. Logo, sua criação foi totalmente voltada para o universo feminino.

O ambiente feminino se apresentou até mesmo na escola onde estudara, *The Sacred Heart Academic*, era uma instituição de ensino católica, administrada por freiras, as aulas eram em inglês, mas os valores e a tradição transmitida eram da mulher intelectual francesa. Apesar, das alunas aprenderem a ser boas esposas e mães, arquétipos tipicamente da mulher cristã e do patriarcado, também eram, no entanto, ensinadas a pensar (TOTH,1999).

Apesar dessa educação europeia, a realidade a sua volta era típica do Novo Mundo, especificamente do Sul dos Estados Unidos. Sua família mantinha escravos, sendo que sua geração foi a última a fomentar a escravidão.

Na família O'Flaherty havia a presença da *mãe negra*⁶ e outros dois escravos mais jovens, provavelmente, filhos do pai de Chopin com uma escrava da casa. Sobre a participação da ama negra na vida de Kate Chopin, Toth (1999) observa:

Anos mais tarde, Kate Chopin escreveu como várias autoras brancas sobre a devoção das mulheres negras às crianças brancas que elas criavam (“Beyond the Bayou”, “Tante Cat’rnette”). Mas, na maturidade Kate Chopin sabia que nenhuma pessoa branca conhece profundamente uma pessoa negra: muito sofrimento e opressão separam os dois (TOTH; 1999, p.12).

O cenário muda com a guerra civil americana (1861 – 1865), a jovem Kate viveu as perdas e os horrores do conflito entre os Estados do Sul e do Norte. Toth (1999) observa que anos mais tarde, em suas histórias sobre a Guerra de Secessão, Chopin descreveu suas lembranças: o terror, os sonhos românticos e corajosos, as perdas, a fumaça e o longo período de luto. Novamente, suas experiências afetam sua escrita: “O efeito cataclismo da guerra civil na vida e no ambiente dos sulistas é o pano de fundo para a autora analisar o psicológico dos sobreviventes da guerra de secessão. Como por exemplo: em ‘The Locket’ e ‘Ma’ame Pélagie”’. (GRADESAVER, 2010, p.11).

Em 1870 Kate O'Flaherty casa-se com Oscar Chopin, após a lua de mel na Europa, o casal Chopin muda para *New Orleans*, onde Kate criou o hábito de fazer longas caminhadas. Nestes passeios, a jovem Sra. Chopin pode observar algumas tradições locais, tais como, os turbantes coloridos usados pelas mulheres negras da região, o Mardi Gras⁷ e ouvir as histórias contadas pelos mais velhos New Orleanians sobre a cultura africana, incluindo relatos sobre os escravos dançarem ritmos africanos em pontos públicos (praças e ruas) antes da guerra de Secessão. As danças africanas são descritas pela autora em “La Belle Zoraïde” (TOTH, 1999).

Na obra literária de Kate Chopin, os personagens trazem um pouco da personalidade das pessoas com quem a autora conviveu ao longo da vida. E, também, há o olhar da mulher/escritora sobre temas como a situação da mulher na sociedade americana, escravidão e preconceito racial. Toth (1999) ressalta que a

⁶ A mãe negra, ou a ama negra, era uma personagem muito comum nas famílias escravocratas. Quase sempre era uma escrava já de idade, que tinha a função de zelar e cuidar do bebê de seus donos.

⁷ New Orleans é famosa pela festa de Mardi Gras que acontece na terça de Carnaval, tendo como base a cultura africana.



crueledade com que Mr. Chopin (sogro de Kate) tratava seus escravos está presente no personagem Armand, o marido da protagonista, em *Désirée's Baby*.

O conto *Désirée's Baby* foi publicado pela primeira vez na revista Vogue (1893) e posteriormente na coleção de histórias *Bayou Folk* (1894), nele a autora descreve a paixão de Armand, senhor de terras e escravos, por Désirée, órfã criada pela família Valmondé. Apesar de pouco saber sobre a ascendência de Désirée, Armand decide se casar com ela. Porém, quando o filho do casal revela traços multirraciais, Armand imediatamente acusa Désirée de ser de origem africana e ter escondido isso. A partir deste momento o comportamento dele muda. Torna-se mais violento com os escravos, mal trata e isola Désirée. Por fim, renega a esposa e o filho. Mesmo tendo na mãe adotiva um apoio, Désirée opta pelo suicídio. Alguns dias depois, Armand queima todos os pertences de Désirée e junto uma carta de sua mãe, na qual, é revelada que a ascendência africana que fez com que a criança nascesse miscigenada era de Armand.

3 A OBJETIFICAÇÃO EM DÉSIREE'S BABY

A autora, Kate Chopin, introduz o leitor a uma Louisiana patriarcal, agrícola, culturalmente francesa onde a protagonista, Désirée, é abandonada quando bebê na porta do casal Valmondé - por quem fora criada.

Aos dezoito anos Désirée desperta a paixão no jovem fazendeiro Armand Aubigny, e até este momento a protagonista é querida e amada pelos pais adotivos. O narrador revela a relação entre a mãe adotiva, Madame Valmondé e Désirée: "Désirée foi mandada pela divina providência para ser sua filha amada, visto que ela não tinha filhos de sangue. A menina cresceu para ser bonita, gentil, afetuosa e sincera- o ideal de Valmondé" (CHOPIN, 1893, p. 242).

Mais tarde, a protagonista se torna alvo do afeto do jovem Armand, que cuja infância fora na França. Filho de uma família tradicional e rica, dono de uma fazenda de algodão e de inúmeros escravos, Armand tinha um forte desejo por Désirée, tão forte que ignorava sua origem obscura: "[...] Qual a importância de um nome, quando ele poderia dá a ela o sobrenome mais artigo e conceituado de Louisiana?" (CHOPIN, 1893, p. 242). O casamento e o nascimento do filho do casal parecem suavizar o temperamento impulsivo e cruel de Armand. Contudo, Armand é o senhor escravista figura central desta sociedade patriarcal baseada na discriminação racial e mantenedor da ordem vigente.

Por isso em sua fazenda os escravos seguiam um rígido código de conduta, cujas punições eram aplicadas com frequência e a tratamento dado aos negros também dependia do humor de seu senhor. Isso explica o alívio de Désirée ao comentar, em voz baixa com a mãe, que Armand não punira nenhum escravo desde o nascimento do filho.

[...] ele não puniu nenhum deles – nem mesmo um – desde nascimento do bebê, até Négrillon que fingiu ter queimado a perna, assim, talvez fosse dispensado do trabalho por uma semana. Ele apenas sorriu e comentou que Négrillon era um grande malandro. Oh mamãe, eu estou tão feliz, isso me assusta. (CHOPIN, 1893, p.244)

No caso dos escravos, a cor da pele definia a situação de submissão, os negros eram propriedades do fazendeiro e o conto aqui estudado trás a luz um consenso comum da época, uma justificativa sinistra e racista para a escravidão, na qual, dizia que os africanos eram uma 'raça' infantilizada e como tal deviam ser punidos (FRANKLIN;MOSS, 1994).

No conto, Kate Chopin também ressalta a realidade vivida por algumas escravas, como "objeto" de desejo sexual de seus "donos". A silenciosa escrava *La Blanche*, mãe de meninos *quadroon*⁸ (provavelmente filhos de Armand) é o retrato desta forçada submissão da mulher negra.

Já Désirée tem seu destino traçado quando dá a luz ao um menino mulato, apesar de ser uma mulher branca. Quando o bebê está com três meses toda à ira de Armand é sentida por Désirée, por seu filho e pelos escravos, visto que inconscientemente, seu esposo percebia que a tonalidade da pele da criança continuava escura – "Pelos códigos sociais da época filhos de relações inter-raciais terminavam como escravos, em teoria o mínimo de sangue africano tornava a criança negra, conseqüentemente, escrava" (GRADESAVER, 2010, p.32).

A autora faz um paralelo entre o tratamento dado aos escravos e a Désirée, mostrando o poder do senhor de terra sobre tudo e todos que dependiam dele. No caso da esposa, sua posição era um pouco acima da condição de propriedade (GRADESAVER, 2010, p.33). Dentro desta ordem social, Armand se vê no direito de acusar Désirée de arruinar a reputação de sua família por supostamente ser de origem africana: "Significa, ele responde calmamente, que o bebê não é branco, significa que você não é branca" (CHOPIN, 1893, p.245). Ciente do significado de tal acusação Désirée tenta negar.

Eu sou branca! Olhe o meu cabelo, é castanho; e meus olhos são cinza, Armand, você sabe que são cinza. E minha pele é branca... Olhe minhas mãos, são mais brancas que as suas, Armand. Ela rir histericamente. (CHOPIN, 1893, p. 245)



A discussão entre Désirée e Armand é cercada de simbolismo, tal como, a herança genética determinando a diferença entre ser considerado um ser humano ou um objeto. Uma fronteira de aceitação social, na qual, a concepção moral de liberdade e cidadania valia apenas para os brancos, os negros foram excluídos do processo democrático. Já os mestiços se encontravam na fronteira da aceitação social, dependendo dos traços físicos e tonalidade da pele, estes poderiam ser aceitos (por um tempo) na sociedade branca (GRADESAVER, 2010). Isso se explica porque apesar de a expansão territorial estadunidense ter tido como bandeira a liberdade e a democracia contidas no Manifest *Destiny*⁹, a elite escravista acabou usando o documento como plataforma para expandir a escravidão, reservando aos brancos todos os direitos de cidadão estadunidense, enquanto, o negro era tratado como mercadoria. (FRANKLIN e MOSS, 1994, p.12)

A dicotomia ser humano/objeto permeia o conto de Kate Chopin, na figura de Désirée que tem seus direitos de cidadã estadunidense garantidos, devido aos seus traços físicos evidentemente europeus. Porém, a suposta herança genética multirracial representada na cor da pele do filho a leva ao isolamento social, no qual, mais tarde torna-se também um isolamento emocional: “Ela ficou paralisada, com o olhar fixo em seu filho, seu rosto era a representação do medo. [...] Ela chamou por seu esposo e o tom da sua voz deveria assustá-lo, se fosse humano, mas ele nem mesmo notou” (CHOPIN, 1893, p.245).

Há uma resistência por parte de Désirée à objetificação que constantemente sofre, argumentando e usando suas evidentes características físicas europeias, comparando sua cor de pele com a de Armand de tonalidade mais escura e por último pedindo ajuda a sua mãe adotiva para provar sua ‘inocência’. Tais estratégias são fenômenos de subjetificação, em que através do discurso, Désirée tenta voltar a ser sujeito, saindo da condição de objeto. Paradiso e Chaim (2012, p.470) explicam que o processo de objetificação/outremização acontece quando o *Outro* (pessoa branca, o colonizador, aquele que faz que determina, que é sujeito da sua história), rompe a igualdade de sujeitos frente a um *outro* (designado objeto, o colonizado, o que nada diz, que não tem agência, ou seja, é incapaz de agir na sua própria história inferior), lançando-o no campo da diferença. Inferiorizando-o, tirando-lhe a identidade, a agência e o sentido de pertencimento, ou seja, transformando-o em objeto e/ou *outro* (com letra minúscula, por ser outro inferior).

O racismo é uma barreira social quase intransponível até mesmo para Madame Valmondé, que é descrita como uma mãe carinhosa e dedicada. Mas, ao olhar para o neto mestiço reage com espanto e expressa preocupação com a opinião de Armand. “Sim, a criança cresceu, mudou... O que o Armand fala sobre isso?” (CHOPIN, 1893, p.244). Tal reação, evidência a posição do senhor escravista enquanto o Outro/dominante e a outremização do negro e seus descendentes.

⁹ Manifest Destiny expressou a convicção de que era missão providencial anglo-saxões americanos para expandir sua civilização e instituições em toda a amplitude da América do Norte. Está expansão implicaria engrandecimento não territorial, mas o progresso da liberdade e oportunidade econômica individual também.

Todavia, ao responder a carta desesperada de Désirée, Madame Valmondé supera o código social vigente e tenta ampara a filha. “Minha Désirée: venha para casa para Valmondé, volte para sua mãe que te ama, traga seu filho.” (CHOPIN, 1893, p.246)

Está carta é o tema da última conversa de Désirée e Armand. Neste momento do conto acontece a fase final da desconstrução de Désirée enquanto ser humano pelo ‘Outro’/dominante, representado por Armand. Como cita Paradiso e Bonnici (2013), a objetificação tira do ‘outro’/dominado sua agência, sua voz e sua subjetividade, deixando-o literalmente no papel de objeto. Kate Chopin contextualiza a objetificação usando alguns elementos descritivos para evidenciar a etnia como base deste processo, tais como: a citação frequente das cores branca e preta para descrever, os personagens, as roupas e o ambiente da fazenda, como os trechos: “A jovem mãe se recuperava ao poucos, deitada em “seu branco Musseline⁷” [...] Desde que se apaixonou por Désirée o rosto escuro e bonito de Armand não mais se desfigurou pela raiva.” (CHOPIN, 1893, p.243/244). Além da ausência de um nome próprio para o bebê e no fato de o pronome *it*⁸ ser usado para refere-se à criança, marcando a condição de objeto do menino; que mesmo sendo o único herdeiro de um senhor de terra poderoso como Armand e, conseqüentemente, membro de uma classe social privilegiada, tem seus direitos de cidadão estadunidense negado por ser mulato.

E outra marca importante da dicotomia étnica é o sentido do nome da personagem principal Désirée - em inglês próximo do termo *desire*/desejo. Bonnici (2005, p. 28) revela que a mulher afrodescendente em suas primeiras representações pictográficas, sempre foram sexualizadas, com fortes conotações de desvios sexuais, reproduzida no século XIX, construindo estereótipos do outro diferente, os quais permanecem até o presente. Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* (2008) aborda que em contextos pós-coloniais a sexualidade está intimamente ligada a “raça”; o crítico argelino reúne em seu texto o ponto de intersecção entre a raça, a sexualidade e a psicanálise. Esta última, por exemplo, se debruça em Lacan e Freud, cujo termo *Desire* resume o

¹⁰ Musseline é um tecido transparente e fino, comumente utilizado na confecção de camisolas.

¹¹ *It* é o pronome usado para referisse a objetos e animais na língua inglesa.



anseio e o desejo inconsciente sexual. Désirée passa a ser olhada com este desejo, visto que deixa de ser “puramente branca”, e passa a ser reconhecida como “afrodescendente” ou “afroamericana”.

Na primeira parte do conto, Désirée está no centro da sociedade sulista norte americano, representando o ideal “eurocêntrico” feminino. Os adjetivos usados para apresentá-la ao leitor são: gentil, bela, sincera e carinhosa. No paragrafo seguinte é destacado o ‘desejo’ que Désirée desperta no fazendeiro Armand. “Armand Albigny[...] se apaixonou por ela assim que a viu parada na coluna de pedra[...], foi como um tiro de pistola [...] O desejo que ele sentiu por ela foi como uma avalanche[...]” (CHOPIN, 1893, p.242). Já na segunda parte do conto, Désirée é colocada à margem desta mesma sociedade sulista por ser a mãe biológica de um menino mulato. A paixão avassaladora de Armand também acaba. “Mesmo assim, ele não a amava mais, por causa da injúria inconsciente que ela havia trazido sobre a sua casa e seu nome.” (CHOPIN, 1893, p.246). Ao renegar a esposa e o filho, Armand segue os rígidos códigos sociais racista da época, atuando como o *Outro*, ou seja, ele discrimina o diferente, ignora a história de Désirée enquanto sujeito e a objetifica sob a justificativa da supremacia “racial” - o desejo passa a ser outro, não mais vinculado ao amor, mas o racial, da posse, sexualizado como objeto fetichista.

O auge desta objetificação é ilustrado através do suicídio de Désirée. “Ela pegou o pequeno do braço da enfermeira sem uma palavra de explicação e desceu os degraus, caminhou atravessando os galhos dos carvalhos. [...] Ela desapareceu entre a vegetação ribeirinha, nas lentas águas do rio e nunca mais retornou”. (CHOPIN, 1893, p.247). Kate Chopin cerca este momento da caminhada de Désirée até o rio de significados que remetem a escravidão e a sua manutenção, estes são: a plantação de algodão, os escravos trabalhando na colheita e a terra. “Era uma tarde de outubro, o sol apenas se pôs. Lá fora, na lavoura os negros colhiam o algodão.” (CHOPIN, 1893, p.246). Dando, assim, ênfase ao contexto social e cultural que leva a perda de identidade e a outromização de Désirée e dos negros.

Por fim, Armand queima todos os pertences de Désirée e do filho, e também, algumas cartas que Désirée mandou na época de namoro. Porém, nos últimos dois parágrafos a autora revela uma carta escrita pela mãe de Armand, na qual, ela agradece a Deus pelo amor do marido e fala sobre a ascendência africana de Armand.

“Mas, acima de tudo”, ela escreve: “dia e noite, eu agradeço ao bom Deus por ter organizado nossas vidas de tal maneira que nosso querido Armand *nunca saberá que sua mãe, que o adora, pertence à raça amaldiçoada com a marca da escravidão*” (CHOPIN, 1893, p.247. Grifo nosso).

Tal revelação não é uma surpresa para o leitor, visto que, a escritora dá dicas durante a narrativa sobre a ascendência multirracial de Armand. Entretanto, o final dado ao senhor escravista questiona o racismo e suas consequências. Mesmo não sofrendo as injustiças da segregação racial e sendo o sujeito de sua história, Armand é metaforicamente marcado com a insígnia da escravidão. Afinal, ele é o mantenedor da política racista de seu tempo.

4 CONCLUSÃO

O racismo não desapareceu da sociedade norte-americana. A etnia ainda dita às regras dos relacionamentos sociais e profissionais. Por isso, o tema do conto *Désirée's Baby*, de Kate Chopin é de certa forma considerado atual. Porque expõe um assunto até hoje sensível nos Estados Unidos.

Visto que objetificação do negro americano não terminou com o fim da guerra civil e com a abolição da escravatura. Durante algumas décadas a segregação racial fez parte da política oficial dos governos dos Estados sulistas, leis foram criadas para limitar o espaço do negro, tais como: o direito de ir e vir, uso do espaço urbano, o direito ao voto foi negado por anos e, tudo isso, somado a frequente violência física e moral contra a população afro descendente.

Os afro-americanos enfrentaram- e ainda enfrentam - um inimigo a muito conhecido chamado: racismo. A batalha por seus direitos de cidadão trouxe algumas conquistas, por exemplo: as leis segregacionistas foram extintas, o acesso à educação democratizado, o direito ao voto garantido e, também, conquistaram espaço nas várias áreas profissionais. Todavia, o preconceito baseado na cor da pele ainda é uma realidade no dia a dia do negro norte-americano.

Por fim, é importante ressaltar a importância da literatura na luta contra a objetificação do afro americano, atuando como instrumento de denúncia, reflexão e crítica.

REFERÊNCIAS

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANKLIN, J.H ; MOSS, A. A. **From Slavery to Freedom: A History of Africans Americans**, 7ª edição, 1994.



GRADESAVER, L.L.C, **Kate Chopin's Short Stories**,ed. GradeSaver LLC.2010.

PARADISO, S. R. *Raça, Etnia e Racismo*. In: PARADISO, S. R.; NASCIMENTO, T; SILVA, S. E. **Manual de Cultura Afro-Brasileira na Escola**. [Apostila], Curso de Extensão: Cultura afro-brasileira na Escola. Maringá/Londrina. 2009.

PARADISO, Silvio Ruiz; BONNICI, Thomas. Objetificação e outremização em *Is there nowhere else where we can meet?*, de Nadine Gordimer-*doi: 10.4025/actascilangcult. v35i1. 12256. Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 35, n. 1, p. 17-24, 2012.

SELFA, L. *Slavery and the origins of racism*. In: **International Socialist Review**. Disponível em: http://www.isreview.org/issues/26/roots_of_racism.html. Acesso 22 de mar. de 2014.

TOTH, E. **Unveiling Kate Chopin**. University Press of Misissippi. Jackson, 1999.